Estudo ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2019.v.7.n.13.227

A DIALÉTICA NA CATEGORIZAÇÃO DA ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA: O MOVIMENTO RECURSIVO ENTRE PALAVRA E CONCEITO

DIALETICS IN THE CATEGORIZATION OF TEXTUAL DISCURSIVE ANALYSIS: THE RECURSIVE MOVEMENT BETWEEN WORD AND CONCEPT

Maria do Carmo Galiazzi[1]
Robson Simplicio de Sousa[2]

Resumo: Apresentamos, neste texto, parte do estudo para compreendermos sobre categorização na Análise Textual Discursiva (ATD) de Moraes e Galiazzi (2007). Trataremos de uma das categorias finais emergentes sobre categoria na ATD, a dialética. Portanto, nossa pergunta é: "O que é isto, a dialética na categorização na ATD?". Inicialmente, expressamos a compreensão alcançada da palavra dialética e, posteriormente, seus sentidos conceituais no livro de ATD. A primeira categoria intermediária mostra a dialética no processo de unitarização e de categorização em movimento dialético entre ordem e desordem. A segunda engloba o modo de teorizar na pesquisa entre teorias *a priori* e teorias emergentes. A terceira mostra o movimento entre processos indutivos e dedutivos, atentos aos intuitivos e auto-organizados na pesquisa. Compreendemos que a ATD é um exercício hermenêutico em um círculo virtuoso de autoconhecimento que encontra a palavra, dela vai ao conceito e à palavra retorna em fusão de horizontes.

Palavras-chave: Análise Textual Discursiva; Categoria; Dialética.

Abstract: We present here part of the study about categorization in Moraes and Galiazzi's Discursive Textual Analysis (DTA) (2007). We will deal with one of the emerging final categories on category from DTA book, the dialectics. So our question is, "What is this, dialectics in the categorization of DTA?". Initially, we express an understanding of the word dialectics and, later, its conceptual senses from DTA book. The first intermediate category shows the process of unitarization and categorization in dialectical movement between order and disorder. The second includes the way of theorizing in research between *a priori* theories and emerging theories. The third shows the movement between inductive and deductive processes, being alert to intuitive and self-organized processes in research. We understand DTA is a hermeneutic exercise in a virtuous circle of self-understanding that finds the word, it goes to the concept and to the word returns in fusion of horizons.

Keywords: Textual Discursive Analysis; Category; Dialectics.

1 Introdução

A Análise Textual Discursiva (ATD) é uma metodologia de análise de textos e discursos na pesquisa qualitativa muito utilizada em pesquisas nas Ciências Humanas,

[1] Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS). Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, RS, Brasil. E-mail: mcgaliazzi@gmail.com
[2] Doutor em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Professor Adjunto do Departamento de Sociais e Humanas da Universidade Federal do Paraná (UFPR) - Setor Palotina, Palotina, PR, Brasil. E-mail: robsonsimplicio@hotmail.com

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2019.v.7.n.13.227

especialmente em pesquisas na Educação no contexto brasileiro. O trabalho que a apresenta teoricamente é o livro Análise Textual Discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2007, 2011, 2016). Uma de nossas premissas nos estudos da ATD está na palavra como lugar de significados e sentidos sempre passíveis de maior compreensão. Por isso, como pesquisadores, com os poetas e os tontos - como diz Manoel de Barros -, somos compostos pelas palavras que sabemos, usamos, ouvimos, falamos, escrevemos.

Na busca de ampliarmos compreensões acerca da ATD (MORAES; GALIAZZI, 2007), mostraram-se como fenômenos de estudo, em textos anteriores, a descrição e a interpretação em teses em Educação em Ciências (SOUSA; GALIAZZI; SCHMIDT, 2016), a influência da hermenêutica filosófica (SOUSA; GALIAZZI, 2016), o modo de elaboração das categorias nesta metodologia de análise (SOUSA; GALIAZZI, 2017). Neste último, compreendemos que a categoria é exigência do método como modo operativo de desencadear a lida com o material empírico. O fenômeno, entretanto, exige do pesquisador uma ampliação do operativo em direção ao modo perceptivo, intuitivo e hermenêutico na análise (SOUSA; GALIAZZI, 2017).

Apresentamos neste artigo, ainda decorrente da categorização sobre o termo “categoria”, o metatexto em que nos dedicamos ao fenômeno “a dialética na categorização”, uma das categorias finais para compreendermos mais sobre a categoria na ATD. Neste texto pretendemos apresentar o exercício hermenêutico do movimento da palavra ao conceito na ATD e, posteriormente, do conceito à palavra, como proposto por Gadamer (2000). Entendemos que a categorização na ATD chega às palavras que sabemos e, posteriormente e, recursivamente, a metodologia propõe o movimento da palavra, essa da categoria, ao conceito e dele novamente à palavra, fazendo assim o movimento do conhecimento como (auto)conhecimento (GADAMER, 2000).

Ao buscarmos a entrada da palavra dialética na ATD, encontramos a dialética como característica do modo de fazer pesquisa qualitativa destacada desde a tese de Moraes (1991), autor da ATD. Isto gerou a pergunta fenomenológica que orientou este texto: “O que é isto: a dialética no processo de categorização na Análise Textual Discursiva?”. Mostramos, a partir da ATD, a compreensão alcançada de como se mostra a dialética em seus significados enquanto reivindicação metodológica nos procedimentos de categorização da própria ATD e seguimos em direção à ampliação de significados por círculos virtuosos hermenêuticos (ROHDEN, 2012) para, em movimento posterior, retornar à palavra ampliada em seus sentidos.

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2019.v.7.n.13.227

A metodologia de análise para responder à pergunta seguiu as orientações da ATD (MORAES; GALIAZZI, 2007, 2011, 2016) com o suporte do *software* Atlas.ti. O ATLAS.ti já se mostrou potencialmente significativo para ser usado com a ATD. Entretanto, o pesquisador precisa ficar atento ao fato de que os dados não estão prontos e que só fazem sentido a partir da interrogação da pesquisa (ARIZA *et al*., 2015). O *software* é, portanto, o organizador das informações a serem analisadas pelo pesquisador. Este tem a autonomia no movimento analítico e tem, no Atlas.ti., o suporte.

Ao longo do metatexto, as unidades de significado estão codificadas com "USx" em que US é referente à unidade de significado extraída do livro de ATD (MORAES; GALIAZZI, 2007), nosso *corpus* de análise, documento primário no Atlas.ti, e "X" é referente à ocorrência numérica da unidade de significado no texto. Algumas unidades de significado do texto de ATD foram apenas indicadas com seus respectivos códigos em razão do limite deste texto.

Inicialmente, faremos uma breve incursão etimológica, filosófica e histórica sobre a palavra dialética, traçando um movimento da palavra ao conceito. A seguir, descreveremos os sentidos que a palavra dialética tem no livro de ATD possibilitados pela análise. Assim, recursivamente suas partes foram rearranjadas, retrabalhadas, relidas e reescritas em círculos virtuosos como sugere a hermenêutica (ROHDEN, 2012) e que consideramos o segundo movimento realizado, do conceito à palavra na ATD.

2 Diálogos sobre dialética

A palavra dialética é uma das tantas palavras que tem um conjunto de vareios no dizer. Buscamos significados acerca da palavra dialética que podem nos possibilitar veios comuns de entendimento com inauguramento de falas. Assim, iniciamos o movimento de compreensão da palavra ao conceito com um percurso pela etimologia, pela filosofia e pela história da palavra de interesse.

A palavra dialética, do latim, *dialectica*, deriva do grego *dialektiké*, e está associada, etimologicamente, à "arte de raciocinar, à lógica" e à "discussão" (CUNHA, 2010). Em outras acepções dicionarizadas, significa a arte de discutir e usar argumentos lógicos, especialmente por perguntas e respostas. O sentido da argumentação pode ser tanto num sentido laudativo como num sentido pejorativo, com emprego de sutilezas. É um termo muito usado na Filosofia, e significa, genericamente, oposição, conflito

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2019.v.7.n.13.227

originado pela contradição entre fenômenos empíricos ou princípios teóricos (HOUAISS, 2009; FERREIRA, 2010).

Ao longo da história, a palavra dialética tem sido usada com diferentes significados em correntes filosóficas distintas. O termo dialética deriva de diálogo, entretanto, na história da Filosofia, ele não possui significado unívoco, como já dito. Foi nos gregos que se situou inicialmente a dialética como a arte do diálogo. No platonismo, significou diálogo, debate entre interlocutores comprometidos com a busca da verdade, indo das aparências sensíveis às realidades inteligíveis ou às ideias. Para Aristóteles, é um raciocínio lógico, que embora tenha coerência interna, está fundamentado em ideias apenas prováveis, tendo em seu âmago a possibilidade de ser refutado. Aristóteles atribuiu a Zenão de Eléia a fundação da dialética. No entanto, Zenão era um seguidor de Parmênides e, assim, era contrário à ideia de realidade como devir e elabora seus argumentos contra o movimento e a multiplicidade do ser, pois o Ser é, de acordo com Parmênides. Platão aponta uma segunda via para a gênese da dialética, o devir de Heráclito, que foi contemporâneo de Parmênides. Platão fala da dialética também como ciência dos opostos que pode empregar recursos lógicos ou analíticos em seus desenvolvimentos iniciais e parciais, mas que se constitui como a ciência dos opostos, conservados e superados, pela Idéia final ou síntese de Bem ou Uno (PAVIANI, 1997). Agregou-se ao significado da arte do diálogo à contradição, o modo de pensar às contradições da realidade e em permanente transformação. Com este significado, Heráclito foi o pensador mais radical. Para este filósofo os opostos se transformam uns nos outros. Assim, dia se transforma em noite que volta a se transformar em dia. Vida em morte, juventude em velhice (KONDER, 2012). Heráclito não esclarece a exigência de uma síntese superadora das contradições, exigência em Platão. O exame nos diálogos de Platão aponta, ao mesmo tempo, o abandono dos argumentos lógicos e a elaboração de processos dialéticos (PAVIANI, 1997).

Abbagnano (2012) assinala quatro significados fundamentais à dialética na filosofia: i. *dialética como método da divisão* - atribuída a Platão; ii. *dialética como lógica do provável* - atribuída a Aristóteles; iii. *dialética como lógica* - atribuída aos estóicos - e; iv. *dialética como síntese dos opostos* - atribuída a Hegel.

Na *dialética como método de divisão*, atribuída a Platão, a dialética "é a técnica de investigação conjunta, feita através da colaboração de duas ou mais pessoas, segundo o procedimento socrático de perguntar e responder" (ABBAGNANO, 2012, p. 315). Para Platão, a filosofia era tarefa de homens que "vivem juntamente", uma atividade própria

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2019.v.7.n.13.227

de uma "comunidade da educação livre" em que a dialética é o ponto mais alto a que se pode chegar em uma investigação conjunta. Para ele, a dialética é composta de dois momentos: a) remeter as coisas dispersas a uma ideia única e em defini-la de modo que possa ser comunicada a todos; b) dividir de novo a ideia em suas espécies, seguindo suas interações naturais - o método da divisão. No primeiro caso, a dialética se situa além das ciências particulares, pois considera as hipóteses das ciências como ponto de partida para chegar aos princípios. No segundo caso, o procedimento dialético pode se deparar com uma única ideia que abarque muitas outras, pode também, a partir de uma ideia, reduzir muitas ideias à unidade e pode ainda fazer com que muitas ideias permaneçam totalmente distintas entre si. Por isso, em Platão, "A dialética consiste em reconhecer, nas situações que se apresentam, qual dessas possibilidades é a apropriada em proceder coerentemente" (ABBAGNANO, 2012, p. 316).

A partir dessa dialética platônica, Gadamer (2015) compreende que Platão nos mostra o quão difícil é reconhecer que não se sabe. Ele alerta, contudo, que:

> A arte da dialética não é a arte de ganhar de todo mundo na argumentação. Ao contrário, é perfeitamente possível que aquele que é perito na arte dialética, isto é, na arte de perguntar e buscar a verdade, apareça aos olhos de seus ouvintes como o menos indicado a argumentar. A dialética como arte de perguntar, só pode se manter se aquele que sabe perguntar é capaz de manter suas perguntas, isto é, orientação para o aberto. A arte de perguntar é a arte de continuar perguntando; isso significa porém, que é a arte de pensar. Chama-se dialética porque é a arte de conduzir uma autêntica conversação (GADAMER, 2015, p. 478).

Na *dialética como lógica do provável*, atribuída a Aristóteles, a dialética é simplesmente um procedimento racional não demonstrativo, em que o silogismo é dialético, partindo de premissas prováveis, ao invés de verdadeiras. Por "provável", Aristóteles entendia como aquilo que parece aceitável a todos, à maioria ou aos sábios.

> O motivo do uso do termo "dialética" nesse sentido é explicado pelo próprio Aristóteles dizendo que, "enquanto a premissa demonstrativa é a assunção de uma das duas partes da contradição, a premissa dialética é a pergunta que apresenta a contradição como alternativa" (An. pr., I, 1, 24 a 20 ss.), e assim faz certa referência ao diálogo (ABBAGNANO, 2012, p. 316).

Para Gadamer (2015), Aristóteles entende a dialética como a faculdade de investigar os opostos, mesmo independentemente de seu cerne e de investigar se pode haver uma mesma ciência para coisas opostas. Por isso, Gadamer entende que a teoria aristotélica permite reconhecer uma primazia da pergunta no movimento dialético. Por conta de Aristóteles e sua influência, é que não se abandonaram os estudos sobre o lado dinâmico e mutável do real (KONDER, 2012).

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2019.v.7.n.13.227

O terceiro significado, *a dialética como lógica*, é atribuído aos estóicos que a identificaram como a lógica geral. A dialética estóica, a mais difundida na Antiguidade e na Idade Média, seria a ciência do discutir corretamente que consiste em perguntas e respostas, partindo de premissas hipotéticas - que também para Aristóteles dão o caráter dialético ao raciocínio. Diferencia-se de Aristóteles, pois, para os estóicos, a "teoria do raciocínio não permitia, pois, a distinção entre premissas necessariamente verdadeiras e premissas prováveis em que, segundo Aristóteles, se fundava a distinção entre silogismo demonstrativo e silogismo dialético" (ABBAGNANO, 2012, p. 315). A dialética medieval não se contentava em elencar prós e contras, tomando a seguir a própria decisão, mas acabava envolvendo todos os argumentos, que, segundo, Gadamer (2015, p. 476) "repousa na pertença íntima entre ciência e dialética, isto é, resposta e pergunta".

Os estudos da dialética ficaram sufocados pela igreja durante a época medieval. No entanto, com as mudanças sociais e científicas, a Terra já não era mais o centro do Universo, nem o repouso era o estado natural dos corpos, mas seu movimento. O ser humano foi considerado capaz de dominar a natureza e modificá-la criativamente. Assim, foi no Renascimento que a dialética conquistou seu caráter de estudo do instável, do dinâmico e do contraditório da condição humana. O ser humano poderia ser conhecedor de sua história e isso exigiu um método para a compreensão da realidade histórica, o método dialético, o que fez com que o pensamento dialético permanecesse em diferentes pensadores sempre com a ideia de movimento e de transformação de uma coisa em outra (KONDER, 2012).

Denis Diderot (1713-1784), filósofo do Iluminismo, contribuiu com a dialética, pois compreendeu o condicionamento do indivíduo às mudanças da sociedade em que vivia. Foi Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), que confiava mais na natureza do que na razão humana, a ponderar sobre a necessidade de uma democratização da vida social. Rousseau sabia que as mudanças sociais profundas, realizadas por sujeitos coletivos, não costumam ser tranquilas; sabia que as transformações necessárias seriam, como se mostraram, tumultuadas. Tanto Diderot quanto Rousseau eram opositores da ordem conservadora da época (KONDER, 2012).

No final do século XVIII e no começo do século XIX, os conflitos políticos já não eram mais abafados, alcançando a Prússia oriental, onde nasceu e viveu Immanuel Kant (1724-1804). Para Kant, a consciência humana não se limita a registrar passivamente impressões provenientes do mundo exterior. Ela sempre é consciência de um ser com ações que interferem na realidade. Konder (2012) sintetiza esta guinada no sentido dado

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2019.v.7.n.13.227

à dialética, apontando para a tentativa de responder a pergunta sobre o que é o conhecimento. Em seu trabalho Kant percebeu que as contradições são inextricavelmente ligadas ao pensamento humano.

O quarto significado apontado por Abbagnano (2012), *a dialética como síntese de opostos*, foi formulado especialmente por Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), sendo por ele considerada como a própria natureza do pensamento e identidade com o real. Os resultados da aplicação do método dialético são pensamentos concretos. Hegel viu os primórdios de seu pensar na dialética em Heráclito. Na filosofia moderna, é o significado hegeliano o mais presente e foi utilizado por Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895). Entretanto, ao significado idealista de Hegel, Marx se contrapôs pois, no conceito hegeliano a consciência é e permanece na consciência, não alcançando o objeto, a realidade e a natureza a não ser no pensamento e como pensamento. Este quarto significado é o mais criticado porque serviu de explicação como fórmula capaz de justificar o passado e o que se prevê para o futuro. Muitos filósofos fizeram referência a este quarto significado da dialética, entre eles Kierkegaard, Sartre, Althusser, Adorno entre tantos. Foucault, no entanto, passou a recusá-lo veementemente, pois a dialética hegeliana ou marxista, segundo ele, reduz um conjunto inumerável de contradições a uma contradição principal que se resolve pela proposição lógica de uma síntese (RAMOS, 2015).

A dialética hegeliana enquanto método filosófico buscou desenvolver a totalidade das determinações do pensar. Em outras palavras, dentro do monólogo que se constitui o "método" moderno é a tentativa de abranger a continuidade de sentido proporcionada àqueles em diálogo. Ao flexibilizar as abstrações do pensar, diz Gadamer (2015, p. 482), Hegel "refundiu sua lógica na forma de realização da linguagem, o conceito, na força de sentido da palavra que pergunta e responde". E complementa que "A dialética hegeliana é um monólogo do pensar que busca produzir, previamente, o que pouco a pouco vai amadurecendo em cada conversação autêntica" (GADAMER, 2015, p. 482).

Hegel agregou ainda outro sentido à dialética, pois, da mesma forma que Kant, concordava que o ser humano está sempre interferindo na realidade. Foi Hegel que trouxe a ideia de que o trabalho impulsiona o desenvolvimento humano. É no trabalho que o homem produz a si mesmo. O trabalho permite a expressão da ação criadora, do domínio da natureza e isso se torna foco de reflexão de Marx, que superou - dialeticamente - as posições de seu mestre. Marx se aliou a Hegel na ideia de que o trabalho transforma e desenvolve o ser humano, no entanto, chamou atenção para a importância do trabalho

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2019.v.7.n.13.227

físico, material. O trabalho é a atividade pela qual o homem domina as forças naturais, transforma a natureza e por ele o ser humano cria a si mesmo (KONDER, 2012, p. 317).

Consideramos que este movimento da palavra em direção ao conceito (ROHDEN, 2012) tenha sido, por ora, suficiente para uma tomada de decisão, embora finito e inconcluso. Esta decisão se apoia em Almeida ao afirmar que:

> A hermenêutica assume a linguagem como a verdadeira concretização do pensamento, vendo nisto uma herança platônica-aristotélica da dialética grega; portanto, o universal hermenêutico está marcado pela insuficiência imanente à linguagem humana; insuficiência que não leva o diálogo a um fechamento final, mas ao contrário, possibilita sua continuidade sempre. Trata-se de uma insuficiência ontológica (ALMEIDA, 2000, p. 104).

Com isto, chegamos a dois opostos: os que a afirmam a dialética e os que a negam. Decidimos assumir o primeiro grupo de significados sem ignorar seus antagonismos, pois a ATD expressa em sua obra concordância com a palavra e seus sentidos e esta é a pergunta da pesquisa que nos move. Não se mostraram no texto da ATD os limites da dialética ou seus antagonismos e para entender as razões do antagonismo seria preciso outro estudo que foge à intenção deste texto. A seguir apresentamos o movimento do conceito à palavra tendo a pergunta *O que é isso que se mostra, a dialética na categorização na ATD?*.

3 A Dialética na categorização entre a desordem e a ordem

Reafirmamos a compreensão de que os sentidos das palavras estão em movimento, e isso nos remete à importância de mantermos os significados e sentidos que atribuímos às palavras em uma fusão de horizontes mais do que na aposta de que é possível sua superação. É preciso chegar do conceito novamente à palavra, como nos diz Gadamer (2000), se a intenção é o diálogo. É com esta intenção que agora continuamos o movimento analítico do conceito com retorno à palavra no texto analisado, que apresentaremos a seguir.

O início da análise pela metodologia de ATD se assemelha às metodologias categoriais que têm por intenção estabelecer uma estrutura hierárquica para a interpretação do fenômeno. O conjunto de informações a analisar nas metodologias categoriais está inicialmente em desordem e, seja qual for o objetivo da análise, mais próximo da explicação, da compreensão, da descrição ou da narrativa, o resultado será mais ordenado. Algumas destas metodologias se aproximam mais de focos explicativos, o que nisso difere a ATD que se movimenta interpretativamente em direção a horizontes

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2019.v.7.n.13.227

compreensivos. Como mostramos em trabalho anterior (SOUSA; GALIAZZI, 2017), a estrutura estabelecida na categorização transita entre o hermenêutico e o epistemológico, aproximando-se, com isso, da compreensão e interpretação do fenômeno, mais da ampliação do (auto)conhecimento do pesquisador do que da explicação do que foi considerado fenômeno em análise. O movimento inicial de análise torna-se ainda mais desorganizado a partir da produção de unidades de significado, processo denominado na ATD de unitarização.

O objetivo desta unitarização é desmontar estruturas e textos em busca de outros sentidos e produzir outros textos interpretativos. Qualquer unitarização produz maior desorganização no *corpus* de análise do que o estado anterior. Quando unidades de significado se pautam por alguma teoria *a priori* do pesquisador, esta teoria, de certa forma, organiza o *corpus* desde o início da análise, mesmo que de outra forma. Um outro modo de desorganização do *corpus* é pela unitarização a partir sentidos que o pesquisador atribui na leitura sem estabelecer alguma perspectiva teórica, embora não lhe seja possível abstrair-se integralmente de suas teorias.

As unidades de análise são sempre identificadas em função de um sentido pertinente aos propósitos da pesquisa. Podem ser definidas em função de critérios pragmáticos ou semânticos. Num outro sentido, sua definição pode partir tanto de categorias definidas *a priori*, como de categorias emergentes. Quando se conhece de antemão os grandes temas da análise, as categorias *a priori*, é suficiente separar as unidades de acordo com esses temas ou categorias. Entretanto, uma pesquisa também pode pretender construir as categorias, a partir da análise em um viés fenomenológico. Nesse caso as unidades de análise são construídas com base nos conhecimentos tácitos do pesquisador, sempre em consonância com os objetivos da sua pesquisa (US4) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 19).

Este mesmo sentido de ordem e desordem pode vir no movimento de separação e reunião de unidades de significado em categoria anteriormente não construída ou, de modo inverso, ao se ter categorias preestabelecidas e colocar as unidades de significado nestas. Assim, a dialética na ATD se mostra na unitarização e categorização, na separação e classificação das unidades, na fragmentação e reunião dos textos. Sempre um movimento que decompõe e reestrutura. O que se destaca na obra de ATD é que a análise é o movimento entre estes extremos, mas que não há uma sequência, uma etapa a seguir a outra, os processos estão juntos. Como na famosa frase de Heráclito, nem o rio, nem o

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2019.v.7.n.13.227

sujeito são os mesmos. O mesmo acontece no processo de análise, no qual a ordem e desordem estão juntas e se produzem nesta presença mútua:

> Para que possa ser concretizado um processo de classificação se exigem a separação e decomposição dos materiais textuais em unidades de base, também denominadas unidades de significado. As categorias se estruturam a partir dessas unidades, podendo formar-se diferentes tipos de categorias a partir da tipologia de unidades de base. Por sua vez, a ordem do processo, da unitarização para a categorização ou o inverso, depende de opções metodológicas e analíticas assumidas pelo pesquisador (US68) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 76).

Como dito anteriormente, não é possível esquecer as teorias que nos organizam o pensamento e subtrair da análise nosso modo de pensar, assim a dialética da análise se mostra nos critérios estabelecidos na pesquisa. Neste modo de pensar a análise, que é de estabelecer categorias, a organização em categorias é uma etapa fundamental da análise nesta metodologia:

> Categorizar ou classificar um conjunto de materiais é organizá-los a partir de uma série de regras. É produzir uma ordem a partir de um conjunto de materiais desordenados. Constitui uma das etapas mais importantes de uma análise textual discursiva (US122) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 116).

Neste movimento de ir e vir é que se classificam unidades e categorias iniciais, intermediárias, finais e se avança na compreensão do fenômeno que se está a investigar pela categorização. A classificação pode acontecer por critérios estabelecidos de antemão ou o próprio critério vai se moldando ao longo da análise à medida que mais se conhece o fenômeno em estudo. Mais uma vez, a presença do movimento entre certeza e incerteza articula ATD ao sentido da dialética dos contrários com o movimento hermenêutico da fusão de horizontes. Aqui lembrando o que afirmamos sobre o sentido da superação, a fusão de horizonte os junta, não abandona um deles, continuam presentes.

Assim, caracterizamos o processo de categorização, descrevendo-o como uma sequência de passos classificatórios que conduz a um conjunto de categorias reunindo elementos semelhantes. Juntamente com essa construção também se constroem compreensões do objeto da pesquisa e dos procedimentos de classificação (US71) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 77).

Neste processo de unitarizar e categorizar se compreende o que se pesquisa como também o modo de pesquisar. Toda a análise pela ATD é um movimento recursivo de separar e reunir, de descrever e interpretar, de analisar e sintetizar, de unitarizar e categorizar para produzir um texto com estrutura diferente da inicial:

> A unitarização e a categorização encaminham a produção de um novo texto que combina descrição e interpretação. Esse texto tem uma estrutura derivada do sistema de categorias construído na análise, modo de organização que pode

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2019.v.7.n.13.227

> garantir a validade dos resultados do processo analítico (US131) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 121).

Este ordenamento pode ser pensado como a produção, de um lado, de algo conhecido com as informações de análise e, de outro, com algo produzido durante a análise. A metáfora que o texto analisado traz é a do quebra-cabeça e do mosaico, como segue:

> Pode-se concebê-lo como construção de um quebra-cabeças em que o objeto do jogo e suas peças são criadas e ajustadas na medida em que a pesquisa avança. Numa perspectiva mais radicalmente qualitativa, talvez, uma metáfora melhor seja a criação de um mosaico, entendendo-se que o mesmo conjunto de unidades de sentido pode dar origem a uma diversidade de modos de organização do produto final. Haveria algumas pesquisas em que o processo não passaria de uma montagem de um quebra-cabeças? (US75) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 78).

Prestando atenção à metáfora do quebra-cabeça, cuja solução é conhecida, o pesquisador que fica nas teorias já por ele conhecidas, completa o quebra-cabeça ao fazer a análise; ou faz um mosaico, cuja construção se dá no processo e da qual não se sabe o resultado, esta é a característica de movimento analítico em que a dialética se mostra: de algo dado a algo produzido pelo pesquisador para melhor compreender o fenômeno em estudo, lembrando da abordagem fenomenológica-hermenêutica da ATD. Nisso também não há como deixar de pensar no movimento entre a fenomenologia e a hermenêutica na mesma recursividade da ordem e desordem, fragmentação, reunião, descrição e interpretação, certeza e incerteza neste conjunto de movimentos:

> Na análise textual discursiva corresponde a uma organização, ordenamento e agrupamento de conjuntos de unidades de análise, sempre no sentido de conseguir expressar novas compreensões dos fenômenos investigados. Equivale, nesse sentido, à construção de estruturas compreensivas dos fenômenos, posteriormente expressas em forma de textos descritivos e interpretativos (US63) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 74).

Outro modo de se mostrar a dialética no movimento analítico é na relação entre as partes e o todo. Lembramos aqui do famoso conto dos cegos que descrevem um elefante. Cada parte contém em si o elefante, mas ela sozinha não constitui o elefante. Ao mesmo tempo um cego sozinho que interpreta o que é um elefante a partir do tato terá maior dificuldade em descrevê-lo como este todo que ele é, como o próprio círculo hermenêutico (SOUSA; GALIAZZI, 2016).

> O que se propõe na Análise Textual Discursiva é utilizar as categorias como modos de focalizar o todo por meio das partes. Cada categoria constitui uma perspectiva diferente de exame de um fenômeno, ainda que se possa examiná-lo de uma forma holística. Isso constitui um exercício de superação do reducionismo que o exame das partes sem referência permanente ao todo representa. O desafio é exercitar um diálogo entre o todo e a parte, ainda que dentro dos limites impostos pela linguagem, especialmente na sua

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2019.v.7.n.13.227

> formalização em produções escritas (US24) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 49).

Considerando que somos sujeitos finitos, históricos e incompletos, esta superação é impossível, porque mantemos na memória a compreensão de que o sentido da superação não acontece, apenas amplia. A dialética como vem mostrando que até aqui não se fixa em um ponto. Ao contrário, é movimento com o objetivo de aumentar a compreensão. Então, se há na categorização uma estruturação para a apresentação da compreensão do fenômeno em estudo, esta estrutura é resultado de um movimento intenso entre as características aqui destacadas:

> Parece-nos, entretanto, que não se trata novamente de tudo ou nada. Fragmentar e categorizar não significam, necessariamente, permanecer com o foco do trabalho apenas nas partes. Pode-se exercitar um movimento dialético entre o todo e as partes, de modo que se consiga aumentar a compreensão do todo, inclusive das interações que o constituem, focalizando temporariamente nas partes e em suas interconexões. Podem-se olhar partes de um sistema complexo sem necessariamente dividi-lo. Isto, evidentemente, não significa que não haja pesquisas, mesmo qualitativas, em que a fragmentação seja uma característica. Entretanto categorizar não é necessariamente ficar apenas nas partes (US147) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 153).

Nesta unidade de significado, destacamos a aproximação da hermenêutica e da dialética como movimento. É uma síntese de como a dialética se mostra na categorização da ATD, neste primeiro par dialético da ordem e desordem, podemos pensar no movimento de ir e vir, de separação e de reunião, de desordem e de ordem, de organização e de desorganização, de composição e desmontagem, de análise e de síntese, das partes e do todo. Neste nunca ser igual ao ir e em seu retorno é que a compreensão alarga o horizonte de interpretação do fenômeno que se escolheu saber mais.

4 A Dialética na categorização entre a teoria dada e a fusão de horizontes no processo

Uma segunda categoria sobre dialética na categorização na ATD se refere à teorização. O modo clássico de teorização, e mais frequente na produção de conhecimento, é o que parte de teorias consistentes de interpretação do mundo e, em particular, do que se estuda. Modo contrário a essa teorização é aquele em que, a partir do estabelecido como classificação, as informações são tomadas como exemplos práticos do que se quer reforçar. Os dois movimentos são considerados legítimos na ATD, com atenção ao conhecimento do pesquisador e o movimento em direção à fusão de horizontes teóricos. Ao reafirmar a impossibilidade de linguagem sem conceito e, com isso, de impossibilidade de suspensão total das teorias do pesquisador ao pesquisar, como

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2019.v.7.n.13.227

proposição na Fenomenologia de Husserl, é preciso, na análise, estar atento aos conhecimentos do pesquisador, como chamam atenção os autores da ATD:

> No processo de análise e de categorização é preciso ter em conta a importância dos conhecimentos tácitos do pesquisador, tendo o processo neles seus fundamentos. Entretanto, a evolução da construção do caminho analítico e de categorização leva a integrar gradativamente outras teorias, entre elas as teorias em construção no próprio processo da análise. As categorias, na sua versão final, devem constituir uma representação válida dessas teorias emergentes da análise. Isso nos leva a focalizar o contexto e os objetivos da análise como elementos do processo de categorização (US81) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 81).

Na teorização entre aquilo que o pesquisador sabe e assumindo uma perspectiva hermenêutica, sua incompletude e sua finitude, a dialética se mostra na atribuição de títulos que fundem unidades em categorias que expressam, ou a teoria assumida e seus conceitos expressos na linguagem pertinente ou trazem as palavras contidas no texto de modo a exercitar o movimento de escuta e retorno às coisas mesmas como pontuado por Husserl. Assim é que a separação e fusão dialogam na análise, como foi expresso no texto em análise:

> Isso se faz necessário, pois as unidades, quando levadas à categorização, estarão isoladas e é importante que seu sentido seja claro e fiel às vozes dos sujeitos da pesquisa. Finalmente, para facilitar outro elemento importante da análise, a categorização, é interessante atribuir a cada unidade de análise um título. Este deve apresentar a idéia central da unidade (US5) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 20).

Queremos chamar atenção nessa unidade destacada a um sentido divergente na nossa interpretação que é de ser fiel às vozes dos sujeitos da pesquisa. Se com isso o texto pode ser interpretado como atingir a clareza do que teve a intenção de ser dito, temos uma interpretação diferente. Entendemos ser impossível atingir esta relação entre o dito e escrito e a intenção do autor.

Dentro da ideia da relação entre categorização e teorização podemos afirmar que a construção e reconstrução de um conjunto de categorias dentro da ATD é um esforço nunca inteiramente concluído de teorização e de reconstrução teórica. Nesse sentido, o conjunto de categorias resultante pode ser compreendido como o arcabouço teórico que ajuda a compreender o fenômeno investigado. Portanto, envolver-se num processo de categorização é encaminhar uma teorização sobre o fenômeno de pesquisa. Essa teorização pode ser conduzida a partir de dois processos diferentes, ainda que eventualmente complementares. Um deles utiliza teorias *a priori*. O outro trabalha com teorias emergentes. Esses processos têm relação estreita com o que anteriormente foi discutido em relação às categorias *a priori* e às categorias emergentes.

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2019.v.7.n.13.227

Expresso de outra forma, a ATD se localiza dialeticamente nestes dois opostos:

> num deles se assume teorias "a priori", teorias com as quais o pesquisador entra no processo de análise, que ajudam a definir as categorias e encaminham a interpretação; no outro constrói as teorias no processo, emergindo as categorias e a teoria ao longo da análise. Quando assumindo esta segunda perspectiva, o pesquisador não se impõe um olhar teórico explícito, antes de envolver-se na análise. Nesse caso, as categorias construídas dentro do processo de análise constituem a estrutura das teorias emergentes do processo analítico (US139) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 126).

Estes movimentos complementares e recursivos, movimento ascendente e descendente em Heráclito e Platão (ROHDEN, 2012), ou da palavra ao conceito e do conceito à palavra (GADAMER, 2000) levam novamente à dialética. Um par entre objetividade e subjetividade pode ser referenciado nesta teorização, a objetividade mais próxima das teorias *a priori* em que o pesquisador pouco olha para si e o que sabe, assumindo que sabe e que a teoria expressa sua completude na descrição ou explicação do fenômeno e, de outro lado, uma componente que se importa com a subjetividade do pesquisador e que dá atenção à sua incompletude. Neste par é que se movimenta a teorização. No entanto, ao prestar atenção à unidade, parece que a ATD se localiza em um ponto e não é este o sentido compreendido. Não há este ponto arquimédico e sim opostos e contraditórios que estão juntos na análise (STEIN, 1983).

Este movimento está presente desde o estabelecimento das unidades, das categorias iniciais, a novas unidades teóricas, por exemplo, assumindo-as como discurso sobre o fenômeno, em direção à maior compreensão do que está em estudo. O primeiro caso é mais dedutivo, porque o pesquisador, a partir da teoria, deduz o pertencimento da unidade e da categoria a um conceito dessa teoria. O outro mais indutivo acumula informações semelhantes para, então, sintetizar em algum princípio que venha a ser teorizado posteriormente. Não é que se crie a teoria que vai dar conta de ampliar a compreensão do fenômeno, mas é a busca da teoria que acontece durante a análise, ampliando sentidos iniciais. Da mesma forma, não é de modo estático que as decisões acontecem, e, até nisso, a dialética da teorização se expressa num permanente movimento na busca de maior compreensão. Assim é que entre a dedução e a indução podem ocorrer movimentos híbridos entre estes extremos. Se foi estabelecida uma teoria *a priori*, as categorias finais estão estabelecidas e, então, as categorias intermediárias surgem a partir dela. No movimento contrário, as categorias intermediárias se aglutinam em categorias finais como posto no fragmento do texto de ATD analisado:

> O processo de categorização pode tanto ir de um conjunto de categorias gerais para conjuntos de subcategorias mais específicas, quanto no sentido inverso. O primeiro movimento está mais diretamente associado às categorias "a priori".

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2019.v.7.n.13.227

> O segundo, às categorias emergentes. Entretanto, independente do processo assumido, o pesquisador também deve desafiar-se, na medida em que avança na explicitação de seu sistema de categorias, a expressar em forma de argumentos seus principais "insights" em relação às categorias que vai construindo (US29) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 29).

A validade da pesquisa, aspecto importante para que se reconheça como conhecimento produzido por uma comunidade de pesquisa, dá-se a partir da atenção que o pesquisador tenha neste movimento. É preciso que, sem que se impeça o movimento entre uma teorização inicial mais consistente e um conhecimento de sentidos mais tácitos do pesquisador, ele saiba que a teorização vai ser intensificada em qualquer dos movimentos de análise.

> A validade exigida no processo de categorização é também uma exigência na unitarização. Há uma relação muito estreita entre os processos de unitarização e categorização, entre análise e síntese. Atingir validade em um deles é atingi-la também no outro (US51) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 52).

São estes processos de categorização e de teorização que vão dar origem aos metatextos, como o fazemos neste texto num movimento de descrição das unidades de significado, categorizadas:

> A categorização pode encaminhar-se a partir de dois processos localizados em extremos opostos. Um deles, de natureza mais objetiva e dedutiva, conduz às categorias denominadas "a priori". O outro, indutivo e mais subjetivo, produz as denominadas categorias emergentes. Em qualquer de suas formas, a categorização corresponde à construção de uma estrutura de categorias e subcategorias, conduzindo à produção de metatextos (Navarro & Diaz, 1994), constituídos de descrições e interpretações dos materiais analisados. Especialmente a abordagem indutiva implica em uma construção gradativa do objeto da pesquisa, constituindo a categorização elemento central nesse processo (US61) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 73).

Um processo de análise a partir de categorias *a priori* e de teoria *a priori* se assemelha mais a modelos explicativos da realidade. Mesmo considerando que a ATD é uma abordagem fenomenológica-hermenêutica e que a fenomenologia parte das percepções às coisas mesmas como se mostram ao pesquisador, a hermenêutica faz a distinção em direção mais do que à explicação e ao estabelecimento de verdades, mesmo que provisórias, à compreensão e à fusão de horizontes.

> O processo emergente de construção de categorias tende a ser mais trabalhoso, exigindo conviver com a insegurança de um caminho que precisa ser construído no próprio processo. Geralmente vai de categorias específicas, restritas e em grande número, a categorias cada vez mais amplas e em menor número. Ainda que a análise textual discursiva possa operar tanto com categorias "a priori", como com categorias emergentes, entendemos serem as últimas as que têm possibilidades maiores de criatividade (US127) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p.118).

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2019.v.7.n.13.227

Como a dialética se apresenta no hipotesear da metodologia de análise ATD no discurso científico? Considerando que hipótese pode ser pensada como uma tese fraca, de um lado uma teoria forte considerada como ponto de partida permite fortalecer esta hipótese de trabalho. As pesquisas qualitativas se afastam da verificação de hipóteses a comprovar enquanto, a partir da teoria consolidada, a tese, ou o argumento aglutinador, é fortalecido. Do outro lado do par dialético, a hipótese é construída durante a análise e também fortalecida ao final na teorização produzida. Assim, de um lado se testam as hipóteses em adequação a uma teoria assumida, de outro se fortalecem as teses a defender a partir de uma interlocução teórica que é exigida no próprio processo de análise. Mais uma vez a dialética se mostra em um par verificação e criação:

> Ainda que possamos admitir a condução de pesquisas sem hipóteses, quando essas são usadas podem aparecer em dois modos: teste de hipóteses "a priori" e criação de hipóteses. O primeiro modo relaciona-se mais especificamente às pesquisas com pretensão de generalização. Já a criação de hipóteses dentro do processo da análise conduz às hipóteses de trabalho, uma característica de pesquisas com ênfase no qualitativo (US98) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 88).

Outro par que se mostra na dialética da categorização é, de um lado, a voz de uma teoria forte assumida pelo pesquisador como um especialista e, de outro, as múltiplas vozes do material empírico que exigem um esforço de teorização que as escute e, ao mesmo tempo, interprete-as. O primeiro movimento carrega um esforço acumulado de diferentes interlocutores teóricos a ampliar a teoria ou intensificá-la e, com isso, menos atento às vozes das informações. O outro reforça a presença das vozes empíricas com intensidade que exigem um esforço teórico que é preciso alcançar. Para resolver as contradições neste sentido, a ATD se apoia na hermenêutica filosófica que tem como pressuposto a fusão de horizonte em direção à compreensão como atesta a unidade de significado a seguir:

> Por outro lado, assumir uma abordagem mais radicalmente subjetiva na categorização é pretender produzir categorias a partir do próprio material analisado. Isso sempre implica uma diversidade de possibilidades de conjuntos de categorias, dependendo o resultado das teorias e dos conhecimentos do pesquisador. Nesse tipo de classificação, num exercício de respeito às vozes e aos sujeitos participantes da pesquisa, o pesquisador exercita uma construção de categorias que valoriza as perspectivas e construções dos participantes, constituindo o processo, nesse sentido, uma reconstrução e explicitação de categorias que as informações coletadas possibilitam construir (US80) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 81).

Em síntese, na categoria que discutiu a teorização, a dialética se mostra entre o *a priori* e o emergente, entre a dedução e a indução, entre a teoria assumida e a fusão de horizontes pela análise. Movimentar-se enquanto pesquisador nestes pares permite

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2019.v.7.n.13.227

alcançar maior compreensão do fenômeno e, ao mesmo tempo, assumir-se mais como pesquisador que defende seus argumentos a partir de intenso trabalho analítico que exige a teorização, seja qual for a perspectiva a que o pesquisador venha a recorrer.

5 A Dialética na categorização entre o planejado e o auto-organizado

Nesta terceira categoria sobre os sentidos da dialética na categorização, o que se mostrou foi um movimento entre certeza, de um lado, com o que já está planejado e incerteza, de outro lado, com a auto-organização da pesquisa. A certeza, mais próxima de processos dedutivos e de teorias consolidadas assumidas *a priori* e a ATD tem seus fundamentos ao tender para a indução:

> Já o processo de produção de categorias emergentes dá-se a partir de análises indutivas. A indução analítica (LINCOLN; GUBA, 1985) constitui um modo de chegar a um conjunto de categorias indo das informações e dados para classes de elementos que têm algo em comum (US96) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 87).

Um outro movimento dialético na categorização se refere à precisão e à amplitude, que vem de certa forma hierarquizar as categorias. Categorias mais precisas são mais restritas, mas a compreensão do fenômeno exige ampliação, maior amplitude, e, com isso, diminui a precisão da categoria. Considerando que, quanto mais precisas as categorias, maior é seu número e a categorização produz sua redução à medida que se organizam as informações até chegar nas categorias finais. O processo de categorização é hierárquico, produzindo uma estrutura de categoriais iniciais na base da estrutura e categorias finais em seu topo:

> O processo de categorização pode conduzir à construção de sistemas de categorias incluindo categorias de diferentes amplitudes. Diferentes níveis de categorização, em conseqüência, podem apresentar diferentes amplitudes e precisão. No processo classificatório podem ser importantes tanto categorias de menor amplitude, geralmente mais precisas, quanto categorias mais amplas, de menor precisão. O pesquisador produzirá ao longo de sua pesquisa uma estrutura que contém tanto categorias amplas quanto de menor amplitude (US89) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 83).

Assim, no movimento dialético entre certeza e incerteza, a ATD e sua categorização se movimentam como Jano, figura mitológica, que, com suas duas faces, pode olhar para o que o realizado apresenta, ao mesmo tempo, que olha para o que ainda precisa ser feito. Próximo da certeza estão os movimentos de clareza, precisão, explicitação de critérios de classificação das informações nas categorias iniciais, intermediárias e finais, o estabelecimento de títulos das unidades de significado e das categorias em direção à clareza da análise feita:

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2019.v.7.n.13.227

> Juntamente com a compreensão dos fenômenos e com a construção das categorias o pesquisador também precisa explicitar suas regras de classificação. Ainda que haja um conjunto de regras de categorização gerais, para cada pesquisa é preciso construir procedimentos específicos para a classificação das unidades de base. Em pesquisas de natureza qualitativa a explicitação desses procedimentos precisa dar-se ao longo do processo, sendo continuamente aperfeiçoada. No final é importante que o pesquisador tenha clareza sobre os procedimentos usados na classificação dos materiais do "corpus" (US70) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 76).

Os processos de dedução também se inserem neste movimento dialético mais próximo da certeza, pois têm uma teoria de suporte às descrições e às interpretações advindas da análise. O processo da indução se encaminha mais proximamente às incertezas, à reflexão do pesquisador sobre o que sabe e o que precisa ser aprendido, à prospecção do que precisa ser feito. Atenção à intuição é importante nos caminhos de maior incerteza da pesquisa:

> O processo indutivo se encaminha no sentido oposto. Vai dos exemplos às regras. Pretende chegar às teorias a partir de significados construídos nos textos, sem adotar formalmente teorias "a priori". Como no processo indutivo o movimento se inicia com as informações, este requer a utilização intensa do conhecimento tácito do pesquisador na atribuição de significados. Não pode, entretanto, ser concebido como um movimento cego. Requer um esforço prospectivo permanente. [...] Neste caso é importante a intuição do pesquisador, saber libertar-se de construções e teorias já existentes, sempre no sentido de construir novas formas de estruturar os elementos do fenômeno sob investigação. É nisto que reside a capacidade criativa do processo, essencialmente fundado na intuição (US55) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 65).

A intuição está presente durante toda a análise porque ela é a manifestação de organizações cognitivas que integram a racionalidade de processos dedutivos e indutivos com outros aspectos de nossa capacidade de produzir sentidos sobre o que interpretamos. Nos processos dedutivos da análise, com a teoria a respaldar as interpretações feitas, a intuição se faz menos presente, no entanto, na indução, a intuição está mais presente no modo como se apresenta a ATD:

> O processo da indução analítica confere um pouco mais de segurança a quem se envolve no processo a primeira vez, mas prende-se de um modo bastante forte numa linearidade capaz de por limites à criatividade do pesquisador. Mesmo assim esse processo tem se mostrado muito gratificante e criativo para quem nele se envolve, possibilitando, aos poucos, que os pesquisadores se libertem da estruturação inicial em que são envolvidos. Já o segundo processo exige maior flexibilidade do pesquisador, solicitando que saiba conviver de modo mais radical com uma insegurança e liberdade de mover-se no processo. Parece conseguir atingir uma perspectiva mais holística de descrição e interpretação dos fenômenos investigados desde o início do processo. As categorias já nascem integradas, ainda que outros modos de integração possam ser produzidos, uma vez concluída a construção das categorias. Esse segundo modo de categorização mostra mais claramente o caráter sempre inacabado e incompleto de toda nova compreensão (US174) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 205).

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2019.v.7.n.13.227

Durante toda a análise, a ênfase é dada à interpretação, à valorização do conhecimento do pesquisador, à escuta do que se mostra nas informações, à natureza histórica das informações, à linguagem em direção a novas compreensões. É um processo que exige esforço e envolvimento. Enfatizar esses aspectos é retornar muitas vezes a etapas anteriores da análise. A recursividade é um aspecto dialético da categorização com idas e vindas em todos os momentos da análise. É preciso também aprender a considerar a capacidade de conviver com a incerteza da possível auto-organização:

> A categorização é um processo exigente e que requer esforço e envolvimento. Além de um retorno constante às informações, também requer uma atenção permanente aos objetivos e metas da pesquisa. Entretanto, uma das maiores dificuldades que o processo apresenta é a necessidade de conviver com a insegurança de um processo criativo, saber lidar com as incertezas da expectativa da emergência de novos modos de compreensão dos fenômenos investigados. Os resultados da auto-organização não têm tempo certo para se manifestarem, o que causa apreensão e angústia com as quais os pesquisadores precisam saber lidar (US74) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 78).

Nesta última categoria, abordamos aspectos da dialética que se mostram entre a certeza do que se está fazendo com a incerteza do que está sendo feito e do que precisará ser feito. Prestar atenção à intuição torna o processo criativo e o pesquisador vai tornando-se autor em sua pesquisa.

Como síntese, trazemos a própria unidade de significado extraída da obra em análise que aglutina as ideias desta categoria em que categorizar é aprender e comunicar o que se aprendeu. Uma categorização mostra o que se sabe pelo modo como se apresenta. Como avançar? Pela comunicação. Outros interlocutores a problematizar o produzido precisam entrar com suas vozes a partir da produção e comunicação dos metatexto.

> Categorizar é, ao mesmo tempo, parte do processo de aprender sobre os fenômenos investigados e da comunicação das aprendizagens feitas. Aprender e comunicar complementam-se no processo de categorização. Categorizar é uma construção de quebra-cabeças, uma criação de mosaicos. Seus produtos são as teorias que ajudam a explicitar compreensões atingidas ao longo de pesquisas, expressas em forma de meta-textos. Ao envolver-se numa categorização o pesquisador não expressa apenas uma realidade lingüística já dada. O processo da análise e da categorização é processo de aprender sobre os fenômenos investigados e a expressão e comunicação das novas compreensões necessita ser produzida ao mesmo tempo em que as aprendizagens se concretizam (US75) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 78).

Ao chegarmos ao final da análise, também nos demos conta de que a dialética se expressa no conjunto da obra em muitos dos subtítulos de cada um dos capítulos. Por exemplo, “Quebra-cabeças ou mosaico?”, subtítulo de um dos capítulos, já traz os contrários no próprio título, fortalecendo nossa argumentação ao nos depararmos com os subtítulos que retomam a questão entre objetividade e subjetividade, categorias *a priori*

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2019.v.7.n.13.227

e emergentes. Outra presença da dialética lembrando Heráclito é a metáfora do rio, tão acentuada nos escritos do filósofo grego e presente no livro de ATD. A metáfora do Jano em que uma de suas faces olha para o passado enquanto a outra olha para o futuro também dá essa característica dialética à ATD. À metáfora do mergulho discursivo também podemos associar a metáfora do rio de Heráclito.

Por fim, ao comparar a ATD com outras duas metodologias, Análise de Conteúdo e Análise do Discurso estão também presentes estes opostos e a ATD aparece como uma posição intermediária entre essas duas metodologias em um ponto arquimédico. Apoiados em Stein (1983), discordamos da compreensão colocada especificamente naquele texto. A ATD não é este ponto arquimédico entre a Análise de Conteúdo e a Análise de Discurso. Ao entrar no rio a partir da Análise de Conteúdo como descrito em outro texto (SOUSA; GALIAZZI, 2017), nem o rio nem o pesquisador ficaram os mesmos. A ATD não é o intermediário entre esses extremos. É outra coisa, e essa outra coisa que temos tratado nestes artigos produzidos no estudo da ATD.

6 Considerações finais

O que apresentamos neste texto está inserido em uma pesquisa mais ampla que busca compreender a ATD em seus pressupostos e procedimentos. Dentro deste problema, estudou-se na obra que a desenvolve a categorização e, dentro dela, uma de suas características: o movimento dialético. Chegamos à palavra dialética pelo estabelecimento de unidades de significado que continham a palavra categoria e nessas unidades categorizadas se mostrou a palavra dialética. Partindo, inicialmente, da palavra como se apresenta na ATD, indo em direção ao conceito, compreendeu-se a diversidade de significados do conceito e, ao mesmo tempo, os sentidos dados à dialética na ATD. Eles estão mais próximos do pensamento de Heráclito e de Platão do que da dialética marxista, embora esteja também presente na obra analisada a ideia de síntese presente na dialética de Hegel e da superação em Gadamer como fusão de horizontes.

Ao fazermos, posteriormente, o movimento do conceito à palavra, a dialética na ATD se mostrou em três movimentos: entre ordem e desordem; entre *a priori* e emergente e entre organização da pesquisa pelo pesquisador e auto-organização da pesquisa. Com isso, compreendemos o movimento dialético da pesquisa em diálogo com a fenomenologia e a hermenêutica presentes na ATD.

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2019.v.7.n.13.227

Como recém dito, quase como *insight* final do texto, percebemos a dialética também nos subtítulos, títulos e metáforas dos textos que compõem a obra em estudo. Exemplos disso estão no terceiro capítulo do livro de ATD (MORAES; GALIAZZI, 2007), intitulado "Construindo quebra-cabeças ou mosaicos?" e no quarto capítulo, "Movimentando-se entre as faces de Jano". Eles evidenciam metaforicamente o caráter dialético da ATD.

Com relação às comparações entre AC, ATD e AD temos um posicionamento dissonante com o posto na obra analisada, especialmente no sexto capítulo, "Análise textual discursiva: análise de conteúdo? Análise de discurso?" (MORAES; GALIAZZI, 2007) em que os autores argumentam que a ATD assume pressupostos que a localizam entre os extremos da AC e AD. Argumentamos, contrariamente, que ao considerarmos os aspectos filosóficos que orientam uma metodologia, estes passam a constituir o pesquisador em sua tarefa investigativa. Nem é a ATD uma síntese entre as duas metodologias, nem a ATD é o ponto entre as duas metodologias. A partir deste artigo, mostramos que este modo de pesquisar aproxima-nos do círculo virtuoso apontado por Rohden (2012) e Gadamer (2000).

Referências

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ALMEIDA, C. L. S. Hermenêutica e Dialética: Hegel na perspectiva de Gadamer. *In*: ALMEIDA, C. L. S; FLICKINGER, H; ROHDEN, L. (org.). **Hermenêutica Filosófica**: nas trilhas de Hans Georg Gadamer. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 61 - 115.

ARIZA, L.G. A. *et al*. Relaciones entre el Análisis Textual Discursivo y el software ATLAS.ti en interacciones dialógicas. **Campo abierto**: Revista de educación, Badajoz, v. 34, n. 2, p. 105-124, dic. 2015.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

KONDER, L. **O que é dialética**. 28. ed. Brasília: Editora Brasiliense, 2012.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GADAMER, H.-G. Sobre o círculo da compreensão. *In*: ALMEIDA, C. S.; FLICKINGER, H; ROHDEN, L. (org.). **Hermenêutica Filosófica**: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 141-150.

GADAMER, H.-G. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 15. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2019.v.7.n.13.227

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

MORAES, R. **A educação de professores de ciências**: uma investigação da trajetória de profissionalização de bons professores. 1991. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1991.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva**. 1. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva**. 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2011.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva**. 3. ed. Rev. e Ampl. Ijuí: Editora Unijuí, 2016.

PAVIANI, J. A gênese da dialética em Platão. *In*: BOMBASSARO, L. C.; PAVIANI, J. (org.). **Filosofia, Lógica e existência**. 1. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 1997. p. 97-104

RAMOS, I. G. **Genealogia de uma operação historiográfica**: Edward Palmer Thompson, Michel Foucault e os historiadores brasileiros da época de 1980 [Online]. São Paulo: Editora UNESP, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

ROHDEN, L. Filosofando com Gadamer e Platão: Movimentos, Momentos e Método(s) da Dialética. **Revista Dissertatio de Filosofia**, Pelotas, v. 36, s.n., p. 105-130, 2012.

SOUSA, R. S.; GALIAZZI, M. C.; SCHMIDT, E. B. Interpretações Fenomenológicas e Hermenêuticas a partir da Análise Textual Discursiva: a Compreensão em Pesquisas na Educação em Ciências. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 4, n. 6, p. 311-333, dez. 2016.

SOUSA, R. S.; GALIAZZI, M. C. Compreensões acerca da Hermenêutica na Análise Textual Discursiva: Marcas Teórico-Metodológicas à Investigação. **Contexto & Educação**, Ijuí, v. 31, n. 100, p. 33-55, set./dez. 2016

SOUSA, R. S.; GALIAZZI, M. C. A Categoria na Análise Textual Discursiva: Sobre Método e Sistema em Direção à Abertura Interpretativa. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 5, n. 9, p. 514-538, dez. 2017.

STEIN, E. Dialética e hermenêutica: uma controvérsia sobre o método em Filosofia. **Síntese**: Revista de Filosofia, Belo Horizonte, v. 10, n. 29, p. 21-49, maio. 1983.

Recebido em: 20 de julho de 2018.

Aceito em: 15 de abril de 2019.